



c. i. salvaro

CCSP

Há artistas que estabelecem sua linha de atuação a partir de certas questões formais ou formulações mais ou menos determinadas. Elege-se um tema ou elemento norteador para sua práxis, adota-se um repertório de procedimentos e materiais, e aos poucos se desenvolve uma plataforma poética – processo que. Apesar de posto nestes termos simplórios, não subentende facilidades ou fornece garantias de um desenlace bem-sucedido para uma trajetória. Mas ainda que se possa identificar algumas práticas que transcorram sob um modelo mais esquemático, a fatura artística prescinde de uma cartilha; há também aqueles que atuam por vias menos comprometidas com valores ou abordagens mais estanques ou “tradicionais” do cânone.

Penso aqui em poéticas que se conformam movidas pelo impulso em responder a estímulos externos a um vocabulário mais clássico da arte, explorando possibilidades processuais para além desta esfera. Artistas que se valem, no desenvolvimento de suas propostas, da incorporação de fatores diversos e fugazes como o acaso, vicissitudes do cotidiano ou o tensionamento simbólico do contexto onde a própria obra será apresentada. Não raro, nessa plataforma de ação o componente estético se vê minimizado na materialização das obras, uma vez que a ênfase pode estar na potencialização de certas situações ou num comentário institucional em que deste dado não se mostre relevante.

Se um repertório de materiais despojado exprime certo grau de descompromisso, por parte do artista, no tocante a sua eventual nobreza ou qualidades plásticas, por outro lado pode afirmar a adequação dos mesmos a uma aproximação mais intuitiva ou espontânea do fazer artístico. Não se está, contudo, sugerindo qualquer distinção rígida entre a esfera da arte e da estética; a opção pela recusa a um dado estetizante pode simplesmente ceder lugar a uma necessidade de expressão pautada em um raciocínio que valoriza, por exemplo, a experiência de um contato mais direto do público com a obra.

O “coeficiente de arte” – expressão empregada por Duchamp para definir um mecanismo subjetivo, por trás da produção de arte em seu “estado bruto”, vinculado a uma disparidade entre o que é concretizado na obra e o que eventualmente permanece inexpresso, embora intencionado pelo artista – deriva então do convite a uma apreensão ou percepção da proposta por um canal de sensibilidade mais alargado, apostando seja em determinado deslocamento simbólico promovido pela obra, seja nas relações em aberto que a mesma pode sugerir.

// Guy Amado, 2005 - Programa de Exposições 2005 do Centro Cultural São Paulo (CCSP)